

Entrevista

Carlos Teófilo Furtado Oliveira, diretor técnico e um dos idealizadores do Festival de Serra da Estrela, Portugal, o festival mais antigo de cinema e meio ambiente. Entrevista concedida às professoras Lisa França e Maria Luiza Mendonça em 10 de junho de 2006, durante o VIII FICA – Festival Internacional do Cinema e Vídeo Ambiental de Goiás.

C&I – Gostaria que falasse um pouco sobre sua experiência no festival de Serra da Estrela.

Teófilo – Sou diretor desse festival desde 1995, juntamente com o Lauro António, (também presente no festival de Goiás) e minha experiência é riquíssima, pois já vi centenas de filmes, conheci várias pessoas ligadas a essa temática. Entretanto, do meu ponto de vista, o que há de mais expressivo ao longo desse período é a evolução do que chamamos de cinema ambiental. Se compararmos os filmes vistos em 1995 com os de hoje, percebemos que essa evolução aconteceu tanto nas escolhas temáticas (de modo geral os filmes mais antigos privilegiavam o exótico, a vida animal, por exemplo), como nas formas de abordagem. Essa evolução foi de tal ordem que nos obrigou a mudar os nossos prêmios. Os nossos prêmios são diferentes dos que vocês têm aqui, são temáticos. Aqui há um grande prêmio para o festival. E uma das coisas que acho mais interessantes no FICA é valorização da produção local.

Nós incluímos uma seção chamada “antropologia ambiental”, que trata de discutir aspectos relacionados à inserção do ser humano no meio

ambiente, da forma como o ambiente o convoca o estimula a atuar com mais responsabilidade. No caso de Portugal podemos citar o exemplo do turismo, a relação entre a existência de fluxos turísticos e a preservação cultural e ambiental. Digo cultural porque não se pode separar as questões culturais do ambiente em que os indivíduos efetivamente vivem. O festival de Serra da Estrela exibiu, pela primeira vez na Europa o filme *Eleven*¹, filme fantástico composto de onze outros filmes de onze minutos que abordam diferentes questões culturais que são, também, questões ambientais. Da mesma forma problemas de ordem econômica e social são problemas ambientais. Assim é que atualmente participam filmes que tratam de temas específicos, como filmes sobre “waste”(resíduos), questões urbanas, urbanismo, reciclagem, água. Há prêmios, para filmes que melhor tratam da reciclagem, ou, por exemplo, da água que é um dos principais problemas desse século. Contudo, a experiência dos festivais de cinema não é muito diferente, na minha opinião. Não percebi nada nesse aspecto, com exceção do público presente aqui em Goiás, que demonstra um envolvimento muito grande, uma verdadeira magia.

¹ Filme realizado em 2002, em que 11 cineastas de diferentes países (Youssef Chahine, Amos Gitai, Alejandro González Iñárritu, Shohei Imamura, Claude Lelouch, Ken Loach, Samira Makhmalbaf, Mira Nair, Idrissa Ouedraogo, Sean Penn, Canis Tanovic) discorrem sobre paz e tolerância a partir de diferentes perspectivas culturais.

C&l – Você acha que o ambientalismo é uma questão minoritária, e como isso se reflete em Serra da Estrela que é um lugar que sofreu muito com a degradação ambiental? Pode-se dizer que o festival, nesse sentido, tenha contribuído para a ampliação da consciência ambiental ou a questão continua sendo marginal?

Teófilo – Há duas perspectivas para analisar o festival. Apesar de Serra da Estrela ser um lugar ideal para se fazer um festival de meio ambiente, por ser um parque natural, a falta de apoio financeiro ao festival fez com que fosse interrompido por alguns anos por falta de verbas, o que demonstra pouca sensibilização para o tema. Essa é uma questão simples, mas fundamental, a de ter aqueles que dão suporte material e financeiro. De um outro ponto de vista podemos afirmar que o festival realmente contribuiu para a preservação de Serra da Estrela nesses anos todos: durante o festival são desenvolvidas ações no sentido de divulgar a biodiversidade de Serra da Estrela, os ataques que continuamente sofre, o perigo que representam os incêndios e, como já disse anteriormente, a repensar questões relativas ao turismo em Portugal. Há pessoas que pensam que Serra da Estrela deve ser tratada como um paraíso, um santuário em que o turismo estivesse proibido. Eu não concordo, acho que tem de ter gente. Tem de haver uma preservação simultânea a uma humanização de Serra da Estrela, e acho que o festival tem contribuído para isso, para essa convivência.

C&l – O sr. consideraria o ambientalismo uma minoria ideológica?

Teófilo – Não, de maneira nenhuma. Não se pode considerar essa preocupação como coisa de meia dúzia de pessoas, este é o problema desse século, mesmo porque as questões climáticas não nos deixam outra solução. E esses festivais podem contribuir para alertar as pessoas, formas, estimular as pessoas mais novas para as possibilidades de expressão que oferece esse tipo de cinema.

C&l – Assim é bom que se agreguem outras atividades, no sentido de atingir e envolver um público maior, seria isso?

Teófilo – Claro. Você faz isso com uma iniciativa muito simples: fique limpo. Tive notícia de que nos primeiros festivais aqui o acúmulo de pessoas e de lixo era incrível, era completamente indescritível, e agora não, e hoje está tudo muito limpo, em todos os aspectos, espirituais e formais. O festival acaba por promover outras expressões artísticas: a poesia, que é a limpeza do espírito, além de uma série de outras exposições que estão sempre presentes nos eventos.

C&l – Pode-se afirmar, então, que os festivais atuam como dinamizadores culturais e mobilizadores de alguma causa?

Teófilo – É isso, e pode-se fazê-lo também com música, gastronomia, com poesia, e essa cidade é um lugar ideal para fazer esse tipo de coisa, pois tem um passado cultural, foi a primeira capital do estado, as pessoas aqui estão habituadas a usufruir desses bens culturais. O FICA é mais um. É novo, é recente, tem esse lado todo. As pessoas vêm e assumem essa emoção e ficam fascinadas com o FICA e com a cidade, com a forma como ela se envolve e se integra toda.



Entrevista Entrevista



C&l – Pelo que disse, o sr. se posiciona numa linha de pensamento que privilegia também a ecologia das relações sociais.

Teófilo – Claro, posso dizer que nosso festival é um festival de afetos. Porque se hoje alguém conversa com um colega meu do júri que é arquiteto ele diz que no fundo o importante dessas experiências é a oportunidade de afetos, ou seja, que a gente compartilhe coisas. A propósito de festivais, já organizei e participei de festival de jazz, e o que isso tem a ver com meio ambiente? Tem tudo e não tem nada, isso quer dizer que as pessoas criam empatias com o público. Estávamos a falar como o festival como esse pode provocar uma efervescência cultural e fazer encher uma cidade. Eu nunca, em minha vida, vi uma coisa essa que acontece aqui no FICA.

C&l – Fale um pouco do cinema como linguagem, como descoberta de significação que os amantes do cinema consideram tão importante quanto a literatura.

Teófilo – Claro, o cinema é a arte que mais aproxima o homem de Deus, da criação simbólica. Não sou especialista em cinema, sou amante e o considero um veículo extraordinário para promover esse tipo de causa. Já existem escolas de cinema de ambiente.

C&l – Na Facomb/ UFG existe uma disciplina chamada produção de vídeo ambiental com uma frequência bastante expressiva, o cinema entrou na cultura e ensinou as pessoas a se comportarem socialmente, entre outras coisas. Nesse caso, ele é ideal para levantar bandeiras. Mesmo considerando a existência de vários cinemas, pode-se dizer que todo o cinema, inclusive aquele ruim, de má

qualidade, traz uma discussão sobre o cinema, na tentativa de recuperar o “bom objeto”.

Teófilo – Eu sou um amante do cinema, mas quando me foi proposto dirigir um festival de cinema ambiental, pensei que relação teria com o “meu” cinema introjetado, mas digo que não foi fácil, porque nos meados dos anos 1990, na Europa, a idéia era daquele cinema do selvagem, do tigre, do avestruz, de algum exotismo e de algum esoterismo também... e não havia denúncia. Hoje há denúncia, portanto o cinema ambiental é um instrumento a favor da causa ambiental. E é um instrumento privilegiadíssimo, mágico, porque o cinema é isso: pode-se contar a história de uma vida em três minutos e que permanece na memória.

C&l – Por falar nisso, o que fica desses festivais? Há coisas substantivas ou o espetáculo ganha a cena?

Teófilo – Às vezes, não fica o que deveria ficar. Os alunos, por exemplo, os há em bastante número no festival, participando das oficinas, dos eventos, parece-me que bastante motivados a mudar sua atitude em relação ao meio ambiente. Em relação ao consumo, por exemplo. Seria importante que se pudesse mudar os comportamentos dos alunos que estão aqui. Certamente alguns mudarão a maneira de pensar.

C&l – Quando se fala em sustentabilidade é importante lembrar também essa questão do consumo sustentável.

Teófilo – Esse é o tema favorito do Washington Novaes. O cinema pode apoiar o desenvolvimento sustentável. Isso se relaciona com mudanças nas relações de poder,

Entrevista Entrevista

modificar as relações existentes entre os países ricos, desenvolvidos e outros que não são desenvolvidos e que são explorados. Isso é desenvolvimento sustentável. É aquele que permite o desenvolvimento de uma sociedade sem pôr em causa as gerações futuras, que preocupa em saber se o mundo tem fome ou não. O desenvolvimento das grandes potências condiciona o desenvolvimento dos demais países até mesmo nas questões relacionadas às “ajudas” dos ricos aos pobres. As “ajudas” podem ser perversas ao tornar os pobres mais pobres. Mas o que queria dizer, em termos de cinema, é que a minha experiência me dizia o que iria encontrar em termos de cinema; não sabia o que iria encontrar em termos de pessoas, de envolvimento, e isso tem sido muito emocionante.

C&l – É possível o desenvolvimento sustentável em sociedades capitalistas?

Teófilo – Não. Já fui aquele tipo de pessoa que queria mudar o mundo, acho que é frustrante não ter mudado, mas tentamos. Considero, também, que não seria o sistema socialista tradicional que existiu no leste europeu que traria as mudanças necessárias. Penso em um outro sistema, em que o homem fosse o centro do mundo. Não é o capitalismo no qual nós vivemos. Não saberia dizer qual é o sistema, todos nós aqui lutamos para que haja um outro sistema, o que seria uma utopia: aquilo que não é possível hoje, mas que pode acontecer amanhã. Vou dar um exemplo: a Europa tem uma posição em relação ao restante do mundo que é diferente da dos Estados Unidos e há uma luz ao fundo do túnel, que se nós não

conseguimos criar uma capacidade de consumo nos países ditos subdesenvolvidos para absorver o excedente (de produção) que a Europa e o mundo desenvolvido possuem, vamos ficar todos pobres. Se um dia convenceremos os governantes disso talvez a situação possa vir a ser diferente.

C&l - Você já foi professor. Gostaria de falar sobre essa experiência?

Teófilo - Quando é que a gente deixa de ser professor? Em Portugal temos um currículo culto. Somos um museu. Ensinamos um povo. De meu ponto de vista ser professor relaciona-se à possibilidade de fazer circular idéias (que, às vezes, mudam também).

C&l – Para resumir, será que poderíamos dizer que nós fazemos a nossa parte e esperamos que outros também façam a que lhes cabe?

Teófilo – Sim, eu vi um filme aqui no FICA que me comoveu, que tem a ver com a experiência de um fazendeiro jovem e foi inclusive premiado (The real dirt of farmer John, de 1982, Taggart Siegel, ganhou o melhor longa metragem). Depois de muitas experiências e muitas vivências acaba por mobilizar um conjunto de pessoas para agricultura orgânica, um tanto pela mística e também pelo material e pela forma interessante como o filme se constrói. Esse filme faz, no fundo, aquilo que os socialistas utópicos da Europa no século dezenove faziam, dão o exemplo construindo uma pequena ilha – os falanstérios. Não é preciso que o imitem, mas importa divulgar a experiência. O que se pode fazer é colocar as pessoas para pensar, refletir e criticar.



Entrevista Entrevista